

VOZES SUICIDAS - RASTROS VIRTUAIS DE UMA MORTE (A)ENUNCIADA

Monica Vasconcellos CRUVINEL¹ (UNICAMP)

“Mas, por trás desse paradigma indiciário ou divinatório, entrevê-se o gesto talvez mais antigo da história intelectual do gênero humano: o do caçador agachado na lama, que escruta as pistas da presa.”
(Carlos Ginzburg)

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar o percurso do discurso suicida, como ele se constitui, por quais discursos é atravessado e como circula neste “novo” espaço virtual que é a *Internet*; espaço que pode representar de maneira significativa os discursos correntes sobre o suicídio em nossa sociedade contemporânea.

ABSTRACT: This paper aims at analyzing the path of the suicidal discourse, specifically how it is constituted, which discourses traverse it, and how it appears in such a “new” virtual locus such as Internet. This locus could remarkably represent the current discourses over suicide in our contemporary society.

1. Introdução

Segundo o relatório sobre “Violência e Saúde” da Organização Mundial de Saúde de 2002, o suicídio responde por 49% das mortes por violência no mundo, superando os 32% de mortes por homicídio e os 19% de mortes por guerra. Este mesmo documento estima que cerca de 815.000 pessoas se suicidaram no ano 2000, numa proporção de 14,5 pessoas para cada 100.000 habitantes, o equivalente a uma morte a cada quarenta segundos. Ele mostra também que o suicídio figura entre as dez primeiras causas de morte em todos os países e, na faixa etária compreendida entre 15 e 44 anos, as lesões auto-inflingidas constituem a quarta causa *mortis* e a sexta causa de incapacitação.

No Brasil, de acordo com um relatório do Ministério da Saúde (2001), que divulgou as 100 principais causas de morte em nosso país, a morte auto-inflingida ocupa o terceiro lugar entre as pessoas de 15 a 24 anos.

O suicídio do jovem, que tem crescido assustadoramente nos últimos anos, é, sem contestação, um problema de saúde pública. Se compararmos o número de mortes suicidas entre homens americanos abaixo de 35 anos, no período oficial da Guerra do Vietnã (1961–1973), com o número de baixas de guerra no mesmo período, verificamos que o número de mortes por suicídio (101.732) foi quase o dobro das baixas de guerra (54.708). Uma comparação similar, realizada entre 1987 e 1996, mostra que morreram quase 15.000 homens jovens a mais de suicídio do que de AIDS.

Sabemos que o ato suicida nos acompanha por toda história e que suas formas contraditórias de manifestação e seus significados variam nas diferentes culturas, ou numa mesma cultura, em épocas diferentes. Não há como saber quem foi o primeiro a cortar a própria garganta, a tomar arsênico, a se afogar num rio ou se enforcar numa árvore no quintal de casa. Não há como precisar as causas que levaram cada sujeito ao suicídio - mas é possível que, o trabalho do analista do discurso sobre o material lingüístico e discursivo deixados como marcas pelo suicida, possa revelar dados importantes sobre o sujeito, o discurso e o poder regulador das instâncias institucionais sobre este sujeito; num momento único e irreptível de sua vida – o momento em que “opta” por sua própria morte. Mesmo “supostamente” subvertendo a ordem do discurso de instituições seculares como a família e a religião, a que poderes o suicida submete e regula seus discursos? De que contexto social ele enuncia? Que realidade é refletida e refratada em sua enunciação? Que interditos trazem seu dizer? Que outras vozes traz sua voz? Que outros discursos emergem de seu discurso?

É bem provável que a Análise do Discurso tenha condições para responder a estas perguntas e, assim, acrescentar dados relevantes às pesquisas em curso sobre o suicídio, realizadas por psiquiatras, psicanalistas e psicólogos; nesta investigação que, se por um lado é “de morte”, por outro é “de vida”, quando consideramos que ocorrem cerca de 10 a 25 tentativas para cada suicídio consumado. E muitas, se não a

¹ moluka@uol.com.br

maioria, das pessoas que tentam se matar - o fazem mais de uma vez. (Jamison, 1999)

Não se pode negar que o discurso suicida encontrado pela *internet* expõe um sujeito fragmentado, clivado por um inconsciente, *possivelmente* doente. Em contrapartida, ele revela um sujeito que deixa rastros e marcas de autoria em seu discurso. Um sujeito que planeja detalhadamente como “deixará-de-ser” neste mundo perante o outro que lhe constitui; que atua e enuncia sob os domínios de instâncias reguladoras, mas que é capaz de, com um único ato, golpear de modo astuto, silencioso e “*Certeiro*” poderes estabelecidos por algumas instituições que o cerceiam. Um sujeito que trabalha esteticamente a linguagem a partir de um excedente de visão e “*escancara*” os lugares de seus interlocutores.

2. Objetivos

O *orkut* é uma rede de relacionamentos virtuais, um site criado pelo analista de sistemas Orkut Buyukkokten, como mais uma ferramenta do site de buscas Google. Para participar deste mundo “orkutiano” é preciso ser convidado por e-mail por um de seus usuários, preencher algumas características (verdadeiras ou fictícias) de seu perfil, associar-se a algumas comunidades, adicionar amigos e depois... “bisbilhotar” a vida alheia. Um espaço arquitetonicamente construído para olhar, vigiar, observar e controlar. Um dispositivo tecnológico absolutamente “panóptico”².

Atualmente, 74,02% dos usuários do *orkut* são brasileiros, seguidos pelos americanos com 8,73% e pelos iranianos com 3,17%.

Com 32.800 membros, a comunidade “**Profiles de Gente Morta**” está entre as comunidades mais visitadas da *internet*. Criada em dezembro de 2004, por um brasileiro; seu objetivo é pesquisar na rede, pessoas que já morreram e que possuem *profiles* ativos no *orkut*. Os membros da comunidade postam tópicos indicando endereços de perfis de pessoas mortas (descobertos através de obtuários, reportagens e/ou informações de conhecidos das pessoas que morreram) e, a partir daí, iniciam um verdadeiro trabalho de investigação: partem em busca dos *scraps* postados pelos falecidos nas comunidades as quais pertenciam e nos murais de recados de sua rede de relacionamentos. É uma caça por rastros virtuais que esta pessoa deixou antes de morrer, indícios que podem revelar o percurso do discurso deste sujeito no período curto que antecedeu sua morte.

Segundo uma estatística da própria comunidade, 43% das mortes postadas na “**Profiles de Gente Morta**” ocorreram em decorrência de acidentes de trânsito, 17% por algum tipo de doença, 12% por homicídio, 7% por suicídio e o restante por outras causas. Os tópicos com *profiles* de suicidas são os que geram as maiores polêmicas na comunidade.

Dos membros da comunidade 6% têm até 13 anos de idade, 33% entre 14 e 17 anos, 32% entre 18 e 22 anos, 15% entre 23 e 27 anos, 7% entre 28 e 35 anos e apenas 3% estão acima de 35 anos.

O objetivo deste trabalho é, a partir dos *profiles* de suicidas postados na comunidade “**Profiles de Gente Morta**”, buscar marcas, rastros e indícios do percurso do discurso suicida, como ele se constitui, por quais discursos é atravessado e como circula neste “novo” espaço virtual que é a *internet*; espaço que pode representar de maneira significativa os discursos correntes sobre o suicídio em nossa sociedade.

3. Aparato Teórico e Análise

Este trabalho está fundamentado em dois pressupostos:

1 - Memória discursiva: “toda produção discursiva se efetua em determinadas condições conjunturais de produção e remete, põe em movimento e faz circular formulações anteriormente já enunciadas, como um efeito de memória na atualidade de um acontecimento” (Courtine, 1981). A noção de memória discursiva, portanto, nos remete à idéia de FD de Foucault, 1971, de que “qualquer formulação tem em seu “domínio associado” outras formulações, que ela repete, refuta, transforma e denega, produzindo efeitos de memória específicos.” Há formações discursivas que são construídas pelo analista (não são dadas); é o caso dos

² Termo utilizado por Foucault para descrever os dispositivos de vigilância de uma sociedade. “Há uma maquinaria que assegura a dissimetria, o desequilíbrio, a diferença. Pouco importa, conseqüentemente, quem exerce o poder. Um indivíduo qualquer, quase tomado ao acaso, pode fazer funcionar a máquina: na falta do diretor, sua família, os que o cercam, seus amigos, suas visitas, até seus criados. Do mesmo modo que é indiferente o motivo que o anima: a curiosidade de um indiscreto, a malícia de uma criança, o apetite de saber de um filósofo que quer percorrer esse museu da natureza humana, ou a maldade daqueles que têm prazer em espionar e em punir. Quanto mais numerosos esses observadores anônimos e passageiros, tanto mais aumentam para o prisioneiro o risco de ser surpreendido e a consciência inquieta de ser observado. O Panóptico é uma máquina maravilhosa que, a partir dos desejos mais diversos, fabrica efeitos homogêneos de poder.” (Foucault, 1975, pp.167)

discursos machista, racista e feminista, entre outros. Com estes discursos não se trabalha com regras pré-estabelecidas, trabalha-se com dados heterogêneos e os percursos são construídos pelo analista, através das dispersões encontradas.

2 - Polifonia³: A linguagem é constitutivamente dialógica, portanto polifônica. O discurso não é individual, ele é construído por interlocutores e na relação que mantém com outros discursos:

“Todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupões não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte)”. (Bakhtin, M., 1979, pp.272)

Bakhtin, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, mostra que o discurso de outrem é constitutivo do discurso; ele aparece como uma unidade integral em sua construção, tanto através de seu conteúdo semântico, como de sua estrutura sintática. Bakhtin nos chama a atenção para o fato de que devemos levar em conta para uma análise não só a forma como a transmissão do discurso citado é realizada, mas, fundamentalmente, a maneira como ocorre a recepção deste discurso. Não podemos perder de vista a terceira pessoa do discurso, a pessoa a quem estão sendo transmitidas as enunciações citadas, o que reforça a influência das forças sociais organizadas sobre o modo de apreensão do discurso. Para Bakhtin, o sujeito que apreende uma enunciação de outrem, “*não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores*” assim, “*a palavra vai à palavra*”. A forma de transmissão do discurso alheio (direto, indireto ou indireto livre) é regulada pelas relações sociais, logo, o analista não pode divorciar o discurso do contexto em que este é enunciado, seu “*verdadeiro objeto de pesquisa deve ser justamente a interação dinâmica dessas duas dimensões, o discurso a transmitir e aquele que serve para transmiti-lo.*”

Para analisar as postagens dos membros da comunidade “**Profiles de Gente Morta**” que abordam a polêmica sobre o suicídio, selecionei dois tópicos de discussão intitulados respectivamente: “**O que vocês acham do suicídio?**” e “**Suicídio**”. As postagens dos membros da comunidade foram divididas em dois grupos, na tentativa de se “construir” um percurso do discurso suicida em nossa sociedade e de identificar que outras vozes e que outros discursos falam (antes e alhures) neste e através destes enunciados:

| Enunciados que condenam o suicídio | Enunciados que justificam o suicídio |
|--|--|
| <p><i>Suicídio. O que vcs acham desse ato fraco que muitas pessoas, na maioria jovens, estão buscando como saída para seus problemas, achando que vão escapar da tristeza, infelicidade, ou seja qual for o problema passageiro vivido aqui nesta terra. Sem saber que é melhor viver cem anos de tristeza, do que passar a eternidade de sufoco. Gente, é ETERNO! “A vida é um presente dado por Deus e só ele poderá tirá-la.”</i></p> | <p><i>“Então me diz porque deus não está lá para impedir? mesmo que seja pelo “livre arbítrio” o presente é dado ou forçado a nós? Somos obrigados a viver porque ganhamos a vida “de presente”? Quem disse que queríamos o presente, antes de mais nada?”</i> <i>“ julgar eh bizarro ainda mais usando o argumento “a vida eh um presente de deus e só ele pode tirá-la”... Como disse Schopenhauer: “O médico vê o homem em toda a sua fraqueza; o jurista o vê em toda a sua maldade; o teólogo, em toda a sua imbecilidade.” A vida eh dura, e longe de ser justa...”</i></p> |
| <p><i>“Descrença...quem teme por algo, nem comete...”</i></p> | <p><i>“Desespero! Com certeza!”</i></p> |
| <p><i>“é sim errado cometer suicidio, só que não por ser “pecado” mas porque a morte não existe a pessoa apenas passa para outro estado, mas passar para o lado de lá na categoria de suicida é muita burrice!!!”</i></p> | <p><i>“Fica difícil opinar seriamente numa discussão onde só se fala de “Deus”. Ninguém aqui é suicida pra julgar. Só acho que a discussão covardia X coragem, assim como a certo X errado não se aplicam ao assunto. Simplesmente não cabem. Porque ninguém tem como saber. Ninguém sabe o que passa na cabeça de um suicida e ninguém tem que ficar julgando se o cara foi covarde, se quis aparecer, se vai pro inferno ou se fez a coisa certa. Condenar suicidas é fácil, difícil é tentar entender”</i></p> |
| <p><i>“Inclusive...acho um pouco de covardia da pessoa em se matar...É uma forma de fugir do problema..”.</i></p> | <p><i>“Não é covardia, é coragem. é uma opção, uma escolha, que deve ser respeitada”</i></p> |

³ Nas obras do círculo de Bahtin vemos uma distinção entre a polifonia na arquitetura do mundo estético (romance com multiplicidade de vozes equipolentes) e na arquitetura do mundo ético, tecido de vozes que constituem a linguagem . . (PONZIO, A. “*La Revolución Bajtiniana*”).

| | |
|---|---|
| <p>“Muita gente que tbm lê uma bíblia, independente de religião mas que crê no Deus supremo, sabe que é um erro cometer suicídio.”</p> | <p>“Sou evangélica e acredito muito na bíblia principalmente naquela frase "não jugueis p q não sejais julgado””</p> |
| <p>“Uma coisa eu acho que os suicidas deveriam pensar: nas famílias, amigos etc, pq toda vez que um suicida se mata, além da dor que as pessoas sentem, ainda vem com sentimento de culpa!”</p> | <p>“Cometer suicídio é sim um ato extremo e condenável ao nossos olhos por que exprime não a covardia ou a solidão do suicida, mas sim a nossa incapacidade em ajudá-los...”</p> |
| <p>“Raríssimo não...É em 100% dos casos...sempre por problemas que poderiam ser resolvidos, não digo facilmente, mas com força de vontade”</p> | <p>“Concordo com o que vc disse, mas infelizmente uma depressão profunda, dependendo do momento em que aparece, nos tira a racionalidade e nos deixa a merce de realizar quaisquer atos sem pensar, e isso inclui o suicídio...Raríssimos os casos de suicídio em que a depressão não esteja presente...Sim amigo Mas a depressão nos rouba essa FORÇA de vontade que temos normalmente....Por isso que concordo contigo, que os problemas, claro, para uma pessoa que esteja NORMAL são ínfimos, pequenos, irrisórios, mas o individuo qdo esta depressivo, faz uma proporção muito maior do que a realidade...”</p> |
| <p>“...nossa eu acredito que exista um céu e um inferno.... acredito que há salvação e acredito mais ainda no perdão de Deus.A fraqueza existe dentro de cada ser humano.....mas a saída está no conhecimento para saber o que é certo e errado.... e a resposta disso tudo está na bíblia.Me desculpem se não falamos a mesma língua.... mesmo assim eu entendo a opinião de cada um.”</p> | <p>“FICO COM A BÍBLIA. Nela, Jesus disse que quem não tivesse pecado, que atirasse a primeira pedra... uma vez que todos temos as nossas falhas...E mais: não julgueis e... eis que Eu vos dou um novo mandamento: amai-vos uns aos outros..então, julgar é falta de amor; aos olhos de Deus, é mais pecador o doente que suicida, ou o são que julga?bj.”</p> |
| <p>“De acordo com a doutrina espírita...o suicida sofre bastante no seu post mortem..Porém não tenho uma opinião formada a respeito”</p> <p>“Pensam que a dor acaba? Já escrevi "suicidas berram de dor", quem não leu é bom ler. Todos os suicidas pensam que matando o corpo tudo acabará, as dores, a depressão, a raiva, enfim, tudo se acaba. Pelo contrario, ai é que começa a dor, como não é hora de ser desligado do corpo, o espirito permanece preso ainda em seu corpo até chegar a hora certa da sua morte, sentindo todas as dores em um corpo morto , imóvel e dentro de um caixão”</p> | <p>bom, eu naum sou adepto de nenhuma religião, simplesmente gosto da lógica que existe dentro da doutrina espírita. Pra começar, eu não acredito em inferno, uma vez que como poderíamos pagar por um erro cometido, por toda a eternidade? Fato, num momento de loucura, ou desequilíbrio químico (a depressão pode ocorrer por fatores puramente químicos), nos suicidamos ... pensar na condenação eterna proposta na bíblia eu acho totalmente ilógico, uma vez que se ela mesma prega um Deus que perdoa, condenar eternamente alguém ?? “</p> |
| <p>“Acredito que todos estamos aqui para cumprir uma missão, seja ela árdua ou não. O suicidio é apenas uma fuga momentânea, pois o suicida paga por este ato, sofrendo mais ainda para alcançar a sua "evolução".Deus os perdoa? Lógico! Deus perdoa a todos, mas cada um tem que fazer por merecer o seu perdão.</p> | <p>“Eu particularmente acho que não devemos entrar nesse merito moral ou religioso, pois afinal cada um tem a liberdade de escolher e seguir a doutrina que quiser.Assim sendo, o cidadão também deveria ter o direito legal de escolher o rumo da propria vida ou, no caso, da morte.Nossas leis ainda condenam o suicidio...A liberação da eutanásia seria um primeiro e grande passo para libertar as pessoas de um corpo fisico que (no caso) só traz sofrimento. ‘Poder dispor absolutamente de si mesmo e recusar-se: existe dom mais misterioso? A consolação pelo suicidio possivel amplia infinitamente essa morada onde sufocamos. ...’E.M.Cioran”</p> |

A análise mostra que, tanto as pessoas que condenam o suicídio, como as que conseguem encontrar justificativas para ele, apelam para uma memória discursiva de onde retiram material para seus argumentos baseados, basicamente, nos discursos: religioso, médico, ético e jurídico.

| ARGUMENTOS PARA CONDENAR O SUICÍDIO | ARGUMENTOS PARA JUSTIFICAR O SUICÍDIO |
|---|---|
| Covardia, egoísmo. | Desespero, solidão, incompreensão do outro. |
| Falta de força de vontade para enfrentar problemas. | Dificuldade para enfrentar problemas por causa de uma doença. |
| Falta de fé, descrença, pecado | Escolha, livre-arbítrio. |
| Temor às leis de Deus que se encontram na bíblia | Reivindicação por leis humanas que regulamentem a eutanásia. |

É interessante notar que, apesar dos argumentos daqueles que condenam o suicídio se basearem em princípios da bíblia, e fazerem uso de um léxico característico do discurso religioso (eternidade, eterno, descrença, teme, pecado, bíblia, culpa, céu, inferno, religião, crê, dor, salvação, perdão, fraqueza, *post mortem*, doutrina espírita, corpo, espírito, corpo morto, sofrendo, evolução) não há nenhuma citação direta da bíblia que valide seus enunciados. Isso demonstra claramente o lugar de onde falam estes sujeitos e a que campo ideológico pertencem. Mostra o lugar do pré-construído, espaço que caracteriza o discurso hegemônico (ocidental cristão) que impera em nossa sociedade em relação ao suicídio. O único enunciado que aparece em discurso direto : “*A vida é um presente dado por Deus e só ele poderá tirá-la*”, é uma de Santo Agostinho que já se encontra no domínio público.

Já entre os que justificam o suicídio, encontramos a tentativa de construção de um discurso mais racional e não teológico, assim, apesar de também fazerem uso de um conjunto de palavras que pertencem ao discurso religioso, estas aparecem para autorizá-los a contestar o discurso de seus adversários, a partir do mesmo campo discursivo. Para Maingueneau (1997):

“o exercício da polêmica presume a partilha do mesmo campo discursivo e das leis que lhe estão associadas. É preciso desqualificar o adversário, custe o que custar, porque ele é constituído exatamente do Mesmo que nós, mas deformado, invertido, conseqüentemente, insuportável.”

Importante observar que, apesar dos enunciadores que fazem parte do grupo que justificam o suicídio fazerem uso do discurso alheio, no caso o discurso bíblico, estes discursos não “passam” simples e aleatoriamente por eles. Cada enunciado é resultado da atividade do sujeito, ou seja, “*é visível o discurso do outro, mas também é visível o trabalho do eu.*”(Possenti, 2002). Não é qualquer versículo da Bíblia que os sujeitos façam mão para sua argumentação, há uma escolha, há um trabalho sobre e através da linguagem, há um lugar para a inscrição da subjetividade. Portanto, não estamos falando de um sujeito assujeitado, nem de um sujeito totalmente livre, que seja a origem de seu discurso, mas sim, de um sujeito ativo, que não é “determinado” pelas estruturas, embora seja “condicionado” por elas. Desta forma, a enunciação é sempre única e irrepetível:

“[...] trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui..”(Foucault, 2002)

Ao afirmar: “*Sou evangélica e acredito muito na bíblia principalmente naquela frase ‘não julgueis pq não sejais julgado’*”, o sujeito atribui-se claramente uma autoridade para polemizar o discurso do outro a partir das próprias escrituras sagradas, já que os evangélicos são reconhecidos na sociedade brasileira atual, como “supostos” conhecedores da bíblia.

O mesmo acontece em : “*FICO COM A BÍBLIA. Nela, Jesus disse que quem não tivesse pecado, que atirasse a primeira pedra... uma vez que todos temos as nossas falhas... E mais : não julgueis e... eis que Eu vos dou um novo mandamento:amai-vos uns aos outros...então julgar é falta de amor; aos olhos de Deus é mais pecador o doente que suicida, ou o são que julga?*” Ao usar letras maiúsculas em “FICO COM A BÍBLIA”, o enunciador marca de maneira incisiva e até irônica de onde retira seus argumentos para denegar o discurso adversário. Sua ironia é explicitada também quando questiona se o suicida seria mais pecador que o doente, evidenciando que, para ele, o suicida também é um doente, portanto, digno do perdão divino e da compreensão humana.

Interessante observar que a palavra Deus ocorre cinco vezes em cada um dos discursos, porém, no discurso dos que justificam o suicídio ela aparece duas vezes escrita em letra minúscula e uma vez entre aspas. Além disso, só estes citam Jesus, que como sabemos é considerado o autor dos enunciados: “*não julgueis*” e “*amai-vos uns aos outros*”, que são a base da argumentação de denegação do discurso religioso utilizado pelos que condenam o suicídio. O verbo julgar aparece seis vezes no discurso dos que justificam o suicídio e nenhuma vez no dos que o condenam.

Nesta tentativa de construção de um discurso mais racional entre os que justificam o suicídio, encontramos também enunciados em discurso direto atribuídos a filósofos que podem autorizar seus argumentos: “*Como disse Shopenhauer: ‘O médico vê o homem em toda a sua fraqueza; o jurista o vê em toda a sua maldade; o teólogo, em toda a sua imbecilidade.’*” ; bem como a presença de um léxico que

provém do discurso médico, ético e jurídico (homem, médico, jurista, depressão, racionalidade, atos sem pensar, normal, realidade, depressivo, fatores químicos, desequilíbrio, ilógico, loucura, liberdade, escolha, livre-arbítrio, cidadão, direito legal, leis, eutanásia...).

No grupo dos que condenam o suicídio encontramos a ocorrência de algumas expressões que se referem à morte (morte, se matar, corpo morto, *post mortem*...), não encontramos estas ocorrências no discurso dos que justificam o suicídio, ao contrário, há quatro ocorrências da palavra vida.

Só há uma referência sobre o perdão de Deus no discurso dos que condenam o suicídio e ele aparece junto a uma oração adversativa, que limita e condiciona o perdão divino, não incluindo os suicidas entre os merecedores deste perdão: “*Deus perdoa? Lógico! Deus perdoa a todos, mas cada um tem que fazer por merecer o seu perdão.*”

4. Conclusão

Durante minhas investigações pelas páginas da comunidade “**Profiles de Gente Morta**”, na “caça” por rastros virtuais que possam ajudar a entender um pouco do discurso do suicida e, quem sabe, um pouco mais sobre nossas próprias vidas, encontrei apenas dois bilhetes suicidas. Neles pude constatar claramente que somos sujeitos “respondentes” – **SEMPRE!** Participamos ativamente de um diálogo social e “*cada enunciado vivo, significamente surgido em um momento histórico e em um meio social determinados, não pode deixar de tocar em milhares de fios dialógicos vivos, tecidos pela consciência socioideológica em torno do objeto de tal enunciado.*” (Bakhtin, 1993)

Aos Amigos

Apesar de parecer insano o meu ato, ele soa para mim como a válvula de escape que tenho procurado a muito tempo. Chorei muito antes de decidir o que fazer mas agora me encontro bem calmo e tranquilo. É engraçado poder escolher esse tipo de coisa. Talvez esse seja o ponto. As escolhas.

Bem, não adianta eu ficar aqui choramingando. Estou bem e peço que vocês aceitem isso. Deixo para trás muito mais do que os problemas. Deixo para trás a minha família, deixo um filho que nem brinquei e muitos amigos.

Se tenho direito a um pedido. Gostaria de ser cremado. Não sei se poderei doar algo mas caso possa, não percam tempo. Beijis em todos, espero me tornar algo próximo de um anjo e um dia olhar por vocês.

Adriano Andrade

Adriano “antecipa” as possíveis perguntas sobre os motivos de seu ato, os possíveis “julgamentos” de que será alvo e afirma que seu ato não é fruto de **loucura**, mas resultado de uma **difícil** decisão: “*Chorei muito antes de decidir o que fazer*”, “*não adianta eu ficar aqui choramingando*”.

Deixa claro que tudo foi uma questão de “**escolha**”, inclusive causa-lhe um certo “estranhamento” poder fazer uma escolha como esta: “*É engraçado poder escolher este tipo de coisa.*”.

Adriano mostra-se consciente de que seu ato deixará marcas nas pessoas que ficam: “*Deixo para trás a minha família, deixo um filho que nem brinquei e muitos amigos.*”. Mostra que seu ato não foi resultado de um impulso, ao contrário foi algo planejado: “[...]soa para mim como a válvula de escape que tenho procurado a muito tempo. **Chorei muito antes de decidir o que fazer mas agora me encontro bem calmo e tranquilo**”. Ele sabe que como suicida será julgado por muitos e, antes de pedir para ser cremado, coloca em dúvida seu direito de fazer pedidos: “*Se tenho direito a um pedido.*”

Por fim, o discurso religioso aparece em seu próprio discurso, revelando sua crença na imortalidade da alma e, paradoxalmente, a esperança de que não será castigado “[...] *espero me tornar algo próximo de um anjo e olhar por vocês.*”.

Nesta mensagem de despedida, Adriano Andrade **responde**, tanto aos argumentos daqueles que condenam o suicídio, quanto aos daqueles que o justificam. Encontramos em sua voz, muitas das vozes e muitos dos discursos que pudemos encontrar nos enunciados que polemizaram o suicídio na comunidade do *orkut*.

Desde a Antiguidade Clássica encontramos nos livros sagrados, nos tratados filosóficos e jurídicos, na ciência, na arte e na literatura reflexões sobre o suicídio. Estas vozes foram ao longo do tempo constituindo a memória do discurso suicida. Portanto, não há como negar a história. Uma análise discursiva de mensagens suicidas não pode se reduzir a interpretações do analista daquilo que possivelmente estaria “escondido” por traz dos textos, ao contrário, a partir dos discursos analisados, o analista pode fazer emergir acontecimentos

que revelam um emaranhado de descontinuidades e uma multiplicidade de tempos. Analisar o discurso suicida que aparece neste espaço novo e virtual que é a Internet, é uma possibilidade de se compreender um pouco sobre o sujeito de nossa sociedade ocidental, de tradição judaico-cristã.

5. Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 4ª edição, 2003.

_____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 4ª edição, 1988.

_____. *Toward a Philosophy of the Act* – Austin, University of Texas Press, 1993.

COURTINE, J. *Analyse du Discours Politique*- Languages 62

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. São Paulo, Edições Loyola, 6ª edição, 2000.

_____. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro, Forense, 1ª reimpressão, 2002.

_____. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro, Vozes, 29ª edição, 2004.

GINZBURG, C. *Mitos, Emblemas, Sinais – Morfologia e História*. São Paulo, Cia. Das Letras, 2ª reimpressão, 1991

JAMISON, K. *Quando a Noite Cai – Entendendo o Suicídio*. Tradução: Gilson B. Soares: Rio de Janeiro, Gryphus, 2002

MELO, C. “Deslocamentos de sentido do enunciado “O Petróleo é Nosso” In: *Revista Letras*, 57, UFPR, 2002

© ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD 2002 *Informe Mundial sobre la violencia y la salud: resumen – Catalogación por la Biblioteca de la Organización Panamericana de la Salud* – Washington, D.C.: OPS, © 2002 – ISBN 92 75 32422 0

WERLANG, B. et BOTEGA, N. *Comportamento Suicida*- Porto Alegre, Artmed, 2004.

Sites da Internet:

Comunidade do orkut “Profiles de Gente Morta” - <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=993780>

Site “PGM” - <http://www.simdigital.com.br/pgm/>

Reportagem sobre “PGM” d Revista Vip - http://vip.abril.com.br/aberto/materia_1_12672.shtml

Reportagem sobre o “Orkut” - <http://noticias.aol.com.br/geral/fornecedores/aol/2004/07/28/0001.adp>

Páginas de debate sobre o suicídio na “PGM”:

<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=993780&tid=2446359255229129493&na=1&nst=1>

<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=993780&tid=9854074&na=1&nst=1>

Página do perfil de Marcus Vinícius Rodrigues Chaves

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=13402276763304997949>

Página do perfil de Adriana Andrade, onde Adriano Andrade deixou seu bilhete suicida.

<http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=15504264284845984751>